

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

Questão Homérica (1), e cuja solução parece complicar-se, em vez de se simplificar, à medida que aumenta o número de estudos sobre a triplíce possibilidade: oralidade — escrita — ditado.

Mais sujeito à discussão será negar que os Sofistas tivessem ultrapassado, em matemática, um grau empírico (p. 56) e admitir que Hípias apenas tenha incluído no seu programa assuntos científicos elementares (p. 52). Hípias é considerado o descobridor da quadratriz para efectuar a triseccção do ângulo, e, se é duvidoso que o processo tenha sido usado por ele para estudar a quadratura do círculo (2), é pelo menos certo que a primeira tentativa de solução deste famoso problema data de Antifonte (3).

Estas são, naturalmente, apenas algumas observações, sugeridas por uma obra tão rica de informação como estimulante pela reflexão a que convida. De resto, a cada momento o leitor se sente acompanhado pelo fino espírito crítico do A., a que não falta a bem temperada ironia de algumas breves alusões (e.g.: p. 150, n. 4, sobre a capacidade inventiva de um helenista contemporâneo; p. 171, sobre a actual tendência para exagerar a influência do factor social sobre a ciência e o saber; p. 238, sobre as sobrevivências, nos nossos dias, das interpretações literárias alegorizantes, à maneira da escola de Pérgamo) — uma das quais, como mestre na difícil arte da humildade intelectual, que também é, não hesita em aplicar a si mesmo (4).

Lição de probidade, a sublimar o trabalho admirável de informação, de precisão, de sereno e equilibrado exame dos factos, que fazem deste livro um mestre de todas as horas.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

Aristote, Du Ciel. Texte établi et traduit par PAUL MORAUX. Collection des Universités de France, publiée sous le patronage de l'Association Guillaume Budé. Paris, Société d'Édition «Les

(1) Cf. A. Lesky, *Geschichte der griechischen Literatur*, Bern, 1963, p. 54, e do mesmo autor, *Homeros*, Stuttgart, 1967, col. 22.

(2) Cf. Oskar Becker, *Das mathematische Denken der Antike*, Göttingen, 1957, pp. 93 e 95, e George Sarton, *Ancient Science through the Golden Age of Greece*, Harvard University Press, 1959, pp. 281-2. Morris R. Cohen and I. E. Drabkin, *A Source Book in Greek Science*, Harvard University Press, 1958, pp. 35, n. 1, 57, n. 1 e 58, n. 2, têm dúvidas na atribuição da descoberta.

(3) Cf. O. Becker, *op. cit.*, p. 93; G. Sarton, *op. cit.*, pp. 285-6; Cohen and Drabkin, *op. cit.*, p. 53.

(4) O A. discute, a pp. 225-7, a atribuição a Aristarco da máxima "Ὀμηρον ἐξ Ὀμήρου σαφηνίζειν" e, a propósito, cita os vários estudiosos que se limitaram a repetir essa tradição sem exame — entre os quais ele mesmo (p. 226, n. 1).

Belles Lettres», 1965. CXCI + 154 pp. duplas + 14 pp. e 3 folhas desdobráveis com diagramas.

Desde há anos que Paul Moraux, actualmente professor da Universidade Livre de Berlim, ocupa um lugar de honra entre os estudiosos de Aristóteles, particularmente da sua cosmologia. Além do conhecido artigo sobre *Quinta essentia* em *RE XXIV*, 1171-1226, lembremos: «Einige Bemerkungen über den Aufbau von Aristoteles' Schrift De Caelo», *Museum Helveticum* 6, 1949, 157-165; «Recherches sur le De Caelo», *Revue Thomiste* 1951, 179-181; «Note sur la tradition indirecte du De Caelo d'Aristote», *Hermes* 82, 1954, 145-182; a comunicação «La Méthode d'Aristote dans l'étude du ciel» apresentada em 1960 ao *Symposium Aristotelicum* de Lovaina, publicada nas respectivas actas, em 1961, pp. 173-194 (e agora incorporada neste livro); «Kritisch-Exegetisches zu Aristoteles», *Archiv für Geschichte der Philosophie* 43, 1961, 15-40. A espinhosa questão da formação do *Corpus Aristotelicum* deve-lhe um livro de referência indispensável, *Les listes anciennes des ouvrages d'Aristote*, Paris, 1951. Na continuação deste género de investigação, anuncia-se uma *Histoire de l'Aristotélisme*. Dispunha, portanto, o A. de grandes credenciais para preparar uma edição crítica do *De Caelo*. E, no presente caso, não apenas uma edição crítica, mas também uma autêntica monografia, que a precede, a título de introdução, e que a valoriza extraordinariamente. Com efeito, nenhum dos complexos problemas que envolvem a exegese do tratado é passado em claro, a começar pelo do objecto e estrutura, para o qual se tem buscado solução desde Alexandre de Afrodísias. A despeito das explicações desse e de outros comentadores na Antiguidade e das de um Solmsen (*Aristotle's System of the Physical World*, Cornell University Press, 1960), entre os modernos mais ilustres, temos de continuar a descrever a obra como um grupo de três estudos: uma cosmologia (Livros I e II); propriedades, efeitos e movimentos dos elementos sub-lunares (Livro III); e monografia sobre o leve e o pesado (Livro IV). Ligados pela linguagem e pelo conteúdo, conforme observa I. Dürer (*Aristoteles*, Heidelberg, 1966, p. 346), talvez o presente arranjo seja explicável por derivar de notas de lições não definitivamente estruturadas, como sugere Moraux. Quanto à estrutura, defende a teoria de que o Livro III do *De Caelo* se completa com o segundo do *De Generatione et Corruptione*, embora separado dele pelo Livro IV, aliás não totalmente estranho ao assunto que se estava a desenvolver.

A parte mais extensa do prefácio é consagrada à análise do tratado. Nela se percorrem sucessivamente os seguintes pontos: perfeição dos corpos e do universo; o «primeiro corpo» ou elemento celeste; a finitude do universo; a unicidade do mundo; a eternidade do mundo; a direita e a esquerda do universo; a esfericidade do universo; o movimento do céu; os astros; o método no estudo do céu; a terra; a geração e os elementos; peso e leveza. Estudando-os dentro do seu contexto e situando-os na tradição científica de que descendem — e nesta obra o Estagirita toca em quase todas as grandes questões cosmológicas —, o A. oferece-nos uma clara e bem fundamentada exposição, onde nos é grato salientar a sua atitude reservada quanto à ascendência pitagórica de certas doutrinas («La littérature soi-disant pythagoricienne procède en ligne droite du platonisme et de l'aristotélisme», p. XLVIII), no que aliás alinha com marcada tendência da crítica mais recente (v. g. Jula Kerscheneiner, W. Burkert). Só lamentamos que a reserva não seja ainda maior para com o

Orfismo, quando aceita, a p. XXX, que a «palavra de antanho» de *Leges* 715e diga respeito a uma fórmula dessa seita (como declara, aliás, a nota *ad locum* da edição Budé de Platão).

A terceira parte ocupa-se da transmissão do texto, principiando por esta sensata e honesta declaração: «Procurar escrever a história do texto de Aristóteles é levantar mais problemas do que hoje podem resolver-se» (p. CLVIII). O A. limita-se aos três manuscritos mais importantes e mais antigos, embora ocasionalmente recolha as variantes de outros mais recentes; usa ainda a tradição indirecta antiga. Deste modo apresenta um aparato crítico eclético, mas suficiente.

A tradução, de cuja dificuldade o A. tem plena consciência, é fluente e agradável, sem deixar de ser clara.

Algumas páginas de notas no fim do volume esclarecem o entendimento do tratado. Observemos a este propósito que teria sido útil dar a numeração dos fragmentos de Empédocles, Anaxágoras e outros Pre-Socráticos, cujas doutrinas Aristóteles discute, ao menos segundo Diels, se não também segundo Kirk and Raven.

A edição termina com três folhas desdobráveis com esquemas, num total de doze figuras, para ilustração de algumas das teorias expostas no livro.

Obra feita com saber e cuidado, esta edição do *De Caelo* é um contributo precioso para o estudo da ciência antiga.

M. H. R. P.

Die hippokratische Schrift «Über die heilige Krankheit». Herausgegeben, übersetzt und erläutert von HERMANN GRESEMANN. *Ars Medica. Texte und Untersuchungen zur Quellenkunde der Alten Medizin.* Schriftenreihe des Instituts für Geschichte der Medizin der Freien Universität Berlin. II. Abteilung, Griechisch-lateinische Medizin, Band 1. Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1968. XIV + 126 pp. DM. 42.

A história da Medicina tem honrosas tradições em Berlim, que a actual direcção do Instituto que, na Universidade Livre, se consagra, desde 1963, a esse ramo do saber, se propõe continuar. Para tanto, dispõe de um grupo de classicistas orientado para esse tipo de investigação, e decidido a proceder da única maneira que permite realizar trabalho sério neste domínio, ou seja, a ir às fontes. Esta a finalidade a que se destina a colecção *Ars Medica*, que, com o sub-título de «Textos e investigações sobre as fontes da Medicina Antiga», abrangerá três secções: Medicina do Oriente Antigo, Medicina Greco-Latina e Medicina Árabe. Cada volume comportará a edição crítica de um texto, acompanhada de tradução numa das línguas modernas principais e de um comentário linguístico e científico, de maneira que seja igualmente útil para filólogos e médicos. Nisto se distingue de outras séries de escritos científicos até agora publicadas.

Para inaugurar uma colecção planeada nestes moldes, nenhuma obra seria mais adequada, sem dúvida, do que o hipocrático *De morbo sacro*, que, para além do seu significado dentro da ciência a que pertence, é um dos mais acabados exemplos do racionalismo grego. Por outro lado, o editor encontrava-se em condições excepcionais para executar este trabalho, pois se dedicara já, no Seminário de Filologia Clássica em Hamburgo, ao estudo da tradição manuscrita do livrinho, e é, além disso, um dos colaboradores do Léxicon de Hipócrates, com acesso, portanto, ao abundante material do *Thesaurus Linguae Graecae*. Daqui resultou um estudo de uma riqueza de material, segurança de método e sobriedade na exposição que tornam a sua leitura um verdadeiro prazer espiritual.

E, contudo, os problemas a resolver são múltiplos e as certezas a atingir pouco numerosas. De tudo, aliás, o A. dá objectivamente conta no prefácio. Aí discute, em primeiro lugar, a posição do *De morbo sacro* na Medicina Antiga, definindo logo de entrada o seu papel deste modo: «O tratado sobre a Doença Sagrada é a expressão da luta permanente de homens que pensam cientificamente contra a superstição, a estupidez e o ousado charlatanismo. Pretende, como uma peça de Paideia que é, esclarecer e informar os homens Esta atitude espiritual ganhou sempre novos admiradores, na Antiguidade e em tempos modernos, ao pequeno mas expressivo escrito, e fê-lo tomar um lugar de primeiro plano no grande número de tratados de Medicina Antiga que se conservam» (p. 5). Analisa depois a questão da terminologia, notando que o seu autor, embora rejeite a designação tradicional de *λεγή νοῦσος*, não chama à doença pelo nome que depois lhe ficará adstrito, de *ἐπιληψις*, como acontece em outros escritos médicos do séc. V a.C., o que prova a anterioridade deste em relação a essas obras (pp. 5-6). Estuda, em seguida, um dos problemas principais que directamente se prende com o da autoria: a sua posição no *Corpus Hippocraticum*. Na tentativa de agrupar os escritos dessa colecção de obras, de doutrinas por vezes discordantes, à volta das duas grandes escolas, a de Cós e a de Cnidos, autoridades como K. Deichgräber e M. Pohlenz inclinaram-se para a atribuição do *De morbo sacro* à primeira, e M. Wellmann à segunda. É nesta última linha que o A. se situa. Principia por estabelecer paralelos com o *De aere, aquis, locis*. A aceitação da identidade de autores de *M.S.* e *Aer.* tem sido perfilhada por grandes helenistas, desde Wilamowitz a Pohlenz. O A., porém, examina de novo a questão, e fundamenta a sua opinião na comparação cuidadosa de palavras, frases, estrutura, teoria e posição religiosa de ambos os tratados, nomeadamente *M.S.* cap. 5 e *Aer.* cap. 10 e 24, *M.S.* e *Aer.* cap. 22, chegando à conclusão de que é comum a ambos a atitude racionalista, e de que o maior traço de união é o método (p. 16); e, embora não haja argumentos definitivos, os mais convincentes estão do lado dos que aceitam o mesmo autor (p. 18). Em seguida, apresenta paralelos com os escritos geralmente aceites como sendo de Cnidos (sobretudo a partir dos trabalhos de Ilberg). Os exemplos dizem respeito à estrutura da exposição dos casos clínicos, e assim comparam, primeiramente, o esquema deduzido, para *M.S.* 5, da aproximação com *Aer.* cap. 10 e 24, com o de *Morb.* II.6; em seguida, a estrutura de *M.S.* com a de *Int.* cap. 18. Mostra, em conclusão, concordâncias com a escola de Cnidos, para além das formais (as condições patofisiológicas e anatómicas são fundamentalmente as mesmas), mas também divergências (ausência da doutrina do *pneuma*).

Uma terceira parte do prefácio ocupa-se das relações de *M. S.* com escritos para além do *Corpus Hippocraticum*, nomeadamente os de Alcmeon de Crotona,